

# O início da Análise Documentária: Algumas notas para um histórico da indexação e resumos na Antiguidade e na Idade Média<sup>1</sup>

FRANCIS J. WITTY

Tradução:

Carlos Henrique Almeida Anis Silva

Hélio Rosa de Miranda

Nilsa Areán García

**Resumo:** Traça-se um breve histórico da indexação e dos resumos a partir de obras sobre a história do livro e de fac-símiles de papiros, de manuscritos medievais e de personalidades desde a Antiguidade até o século XV.

Cerca de oito anos atrás, quando fui convidado a preparar uma disciplina de indexação e elaboração de resumos para o curso de Graduação em Biblioteconomia, senti que a primeira aula deveria ser dedicada, pelo menos em parte, à história do assunto. No entanto, uma pesquisa na bibliografia não revelou nada nesta área, ou seja, uma lacuna quase completa antes do século XVI. Wheatley, por exemplo, em seu texto pioneiro, *How to make an index* (Como criar um índice)<sup>2</sup>, não compreendeu totalmente o termo *índice* na antiguidade romana e infelizmente nos relata:

Cícero<sup>3</sup> usou a palavra 'índice' para expressar o índice de um livro e pediu ao amigo Ático que lhe enviasse dois funcionários da biblioteca para consertar seus livros. Ele acrescentou que desejava que eles trouxessem algum pergaminho para elaborar os índices. (1)

A carta [de Cícero] para Ático<sup>4</sup> (IV.4a), na minha tradução:

. . . e peça-lhes que tragam um pouco de pergaminho a partir do qual as etiquetas de título [*índices*] são feitas. Vocês gregos, creio, chamam-nas SILLYBOI<sup>5</sup> (2)

<sup>1</sup> WITTY, F.J. The beginnings of indexing and abstracting: some notes toward a history of indexing in the antiquity and middle ages. *The indexer*, v. 8, n. 4, 1973, p. 193-198.

<sup>2</sup> *How to make an index*. by: Wheatley, Henry Benjamin, 1838-1917. Publication date: 1902. Topics: Indexing. Publisher: London, Stock.

<sup>3</sup> **Marco Túlio Cícero** (106–43 a.C.; em latim: *Marcus Tullius Cicero*, em grego clássico: Κικέρων; transl.: *Kikerōn*) foi um advogado, político, escritor, orador e filósofo da República Romana eleito cônsul em 63 a.C. com Caio Antônio Híbrida. Cícero nasceu numa rica família de Roma e foi um dos maiores oradores e escritores em prosa da Roma Antiga.

<sup>4</sup> **Ático** (140 — 185 a.C.) foi um filósofo e líder do platonismo em Atenas durante o final do segundo século e pode ter sido o primeiro a ocupar a cadeira da filosofia platônica criada em 176 por Marco Aurélio.

<sup>5</sup>**Sillyboi** (grego σίλλυβος *sillybos* ; Latin *tituli* ou *índices* ) eram tiras de pergaminho sobre os rolos de papiro ou pergaminho da antiguidade, especificando o título e autor de uma obra. Rolos de livros antigos eram enrolados e armazenados em prateleiras e armários, mas também mantidos em posição vertical em recipientes especiais. O autor e o título do trabalho eram anotados no interior de etiquetas de pergaminho, que poderiam ser adicionalmente delimitadas por uma capa protetora. Para encontrar um trabalho procurado, o rolo na parte superior precisava ser fornecido com um sillybos, que pendia visivelmente e dava informações sobre o conteúdo do rolo. Sillyboi de rolos particularmente valiosos pode ser de cor vermelha ou açafraão. A literatura testemunha os Sillybos já no século III a.C. A literatura latina menciona Sillyboi, de Cícero e Ovídio.

Embora os estudiosos discutam sobre o significado exato da diminuta *membranulam*, não há dúvida de que *index* e *SILLYBOS* significavam a pequena etiqueta de pergaminho com o título, pendurada no rolo de papiro, cuja finalidade era identificar um trabalho na prateleira da biblioteca.

Nesse sentido, comecei a reunir o máximo possível sobre o assunto, a partir de obras sobre a história do livro e de fac-símiles de papiros e de manuscritos medievais. As seguintes notas, é claro, estão longe de esgotar o assunto; mas elas podem fornecer um ponto de partida para uma história um pouco mais abrangente.

A pesquisa sobre a história da indexação e dos resumos deve voltar ao tempo em que o homem começou a fazer algo para tornar as informações nos registros escritos mais facilmente acessíveis, organizando os recursos mais importantes em uma ordem conhecida ou condensando documentos longos em resumos ou compêndios próprios.

O mais antigo desses dispositivos conhecidos é usado em alguns invólucros de argila que envolvem documentos cuneiformes da Mesopotâmia do início do segundo milênio a.C. A idéia do invólucro, é claro, era preservar o documento de adulteração; mas, para evitar ter que quebrar a capa sólida, o documento seria totalmente escrito do lado de fora com os selos de assinatura necessários ou seria resumido nele, acompanhado da mesma forma pelos selos. (3)

A indexação propriamente dita encontra suas origens primitivas na organização de cabeçalhos de capítulos ou sumários no início de obras históricas ou outras obras de não ficção. A Bíblia - na ausência de correspondências e índices - foi nos primeiros séculos desta era, provida com tais resumos (*tituli, capitula, capita, KEPHALAIA*). Deve-se notar que a organização dos capítulos / versículos de nossas Bíblias modernas ainda estavam muito longe da organização que era nos primórdios dos primeiros séculos. Esses resumos (*tituli*) são mencionados várias vezes por Cassiodoro<sup>6</sup> em suas *Institutiones* (4), que ele forneceu com esses cabeçalhos no início de cada livro para ajudar a encontrar as informações neles contidas. Embora isso pareça um pouco longe da indexação, como a conhecemos, permite uma busca mais fácil entre os dados e permitiu a Cassiodoro fazer referências cruzadas em seu texto. Entre outras obras dos primeiros séculos desta época, que foram providas com resumos por seus autores ou posteriormente editores / copistas, estavam *Noites no sótão de Gellius*<sup>7</sup>, *A História Natural de Plínio*<sup>8</sup>, *As Antiguidades de*

---

<sup>6</sup> **Flávio Magno Aurélio Cassiodoro Senador** (em latim: *Flavius Magnus Aurelius Cassiodorus Senator*; Squillace, 490 — 581), mais conhecido apenas por **Cassiodoro**, foi um escritor e estadista romano, conselheiro do rei ostrogodo Teodorico, o Grande, que se destacou por seus dotes jurídicos e literários e ocupou importantes cargos na administração pública ostrogoda da Itália.

<sup>7</sup> **Aulus Gellius** (c. 125 - depois de 180 d.C.) foi um escritor e gramático romano, que provavelmente nasceu em Roma e foi educado em Atenas. Ele é famoso por **Noites no sótão**, uma compilação sobre gramática, filosofia, história e outros assuntos, preservando fragmentos das obras de muitos autores que, de outro modo, poderiam ser desconhecidos hoje. O trabalho, deliberadamente desprovido de seqüência ou arranjo, é dividido em vinte livros. Todos chegaram até nós, exceto o oitavo, do qual nada resta senão o índice.

<sup>8</sup> **Caio Plínio Segundo** (em latim: *Gaius Plinius Secundus*; Como, 23 — Estábia, 79), conhecido também como **Plínio, o Velho**, foi um naturalista romano. Era tio de Plínio, o Jovem. Escritor, historiador, gramático, administrador e oficial romano. Exerceu importantes cargos públicos sendo nomeado procurador na Espanha quando Nero ainda era imperador, logo após, no norte da África e na Gália. De todas as suas

Josefo<sup>9</sup> e *A história eclesiástica de Beda*<sup>10</sup>. Sem dúvida, uma busca em obras semelhantes mostraria uma série de outros títulos assim providos.

Um elemento essencial em qualquer índice é a organização das entradas de acordo com uma ordem conhecida. Isso pode seguir a ordem usual do alfabeto romano, mas a ordem pode seguir algum sistema de classificação; ou, para alguns tipos de obras, pode ser cronológica ou numérica. Como, no entanto, a ordem alfabética é a organização mais conhecida no Ocidente, devemos dar uma rápida olhada em seu uso nos tempos antigos. Para esse aspecto de nossa pesquisa, temos a sorte de ter o trabalho relativamente recente de L. W. Daly, *Contributions to a history of alphabetization in antiquity and the middle ages*<sup>11</sup> (Collection Latomus 90; Bruxelas, 1967). Este excelente trabalho deve ser sempre recomendado a qualquer pessoa interessada na história da indexação; pois nele encontrei a maioria de minhas pesquisas anteriores confirmadas e uma miríade de dados adicionais.

Por que as letras do alfabeto estão organizadas como estão é um problema que nunca foi resolvido, embora tenham sido apresentadas explicações engenhosas.<sup>(5)</sup> A ordem de *aleph, beth, ghimel* remonta provavelmente ao segundo milênio a.C., uma vez que essa ordem já estava obviamente estabelecida quando os gregos adotaram e adaptaram o sistema de escrita semita no início do século VIII a.C. (ou mais cedo?). Em hebraico, as letras do alfabeto eram algumas vezes usadas para números, como é evidente em alguns livros da Bíblia, por exemplo: *Salmos* 9, 24, 33, 36, 110, 111, 144 e as *Lamentações de Jeremias*, onde as letras do alfabeto precedem cada texto das lamentações. Os gregos herdaram a ordem das letras junto com o próprio alfabeto e o usaram para um de seus sistemas numéricos.

Sob os Ptolomeus, os gregos helenísticos do Egito parecem ter começado a usar a ordem alfabética para listas complicadas de nomes como as encontradas no catálogo da biblioteca [de Alexandria] ou no escritório do cobrador de impostos (6). De um estudo mais aprofundado dos fragmentos do catálogo da Biblioteca Alexandrina de Calímaco<sup>12</sup> e de referências a ele, parece que foi usada a ordem alfabética para a organização dos autores sob assuntos amplos. E fragmentos de papiro dos 'montes de lixo' do Egito mostram que a ordem alfabética era às vezes usada nos séculos anteriores a esta época para listas de contribuintes de impostos de várias vilas e distritos, que também aparecem às vezes em ordem alfabética. Mas as qualidades dessa organização parecem não ter

---

obras, a única que sobreviveu foi um tratado, escrito em 77, denominado ***História Natural***, uma imensa compilação composta de 37 volumes, que contém algumas passagens originais sobre o destino do homem na natureza e oferece um excelente panorama da geografia, zoologia e botânica na Antiguidade.

<sup>9</sup> **Flávio Josefo**, ou apenas **Josefo** (em latim: *Flavius Josephus*; 37 ou 38 — ca. 100), também conhecido pelo seu nome hebraico **Yosef ben Mattityahu** (יוסף בן מתתיהו, "José, filho de Matias") e, após se tornar um cidadão romano, como **Tito Flávio Josefo** (latim: *Titus Flavius Josephus*), foi um historiador e apologista judaico-romano. Sua obra ***Antiguidades Judaicas*** (c. 94) conta a história do mundo sob uma perspectiva judaica, fornecendo informações sobre o período que viu a separação definitiva do cristianismo do judaísmo, as origens da dinastia flaviana, que reinou de 69 a 96, e um panorama do judaísmo no século I.

<sup>10</sup> ***História Eclesiástica do Povo Inglês*** (no original em latim: *Historia ecclesiastica gentis Anglorum*) é um livro escrito por São Beda, para contar a história do cristianismo e dos ingleses. Acredita-se que foi completado em 731 d.C., quando Beda tinha 60 anos de idade. É o primeiro livro a ter notas de rodapé.

<sup>11</sup> Contribuições para uma história da organização alfabética na antiguidade e na idade média

<sup>12</sup> **Calímaco** (em grego clássico: Καλλίμαχος; transl.: *Kallimakhos*; 310 a.C. — 240 a.C.), foi um poeta, bibliotecário, gramático e mitógrafo grego.

sido totalmente aproveitadas entre os gregos, a julgar pelas muitas listas entre os papiros existentes que parecem não ter nenhuma organização reconhecível.

Quando falamos de ordem alfabética na antiguidade, não queremos dizer a organização detalhada, 'letra por letra até o fim da palavra', tão cara ao coração do bibliotecário. Essa precisão não foi considerada necessária nem na Antiguidade nem na Idade Média e, de acordo com Daly, ela tampouco foi considerada completamente nos tempos modernos. (7) Na verdade, a ordem pode ser considerada relativamente funcional quando é feita com as três primeiras letras de uma palavra; mas frequentemente apenas a primeira letra é considerada nesses documentos. No entanto, estes representam o primeiro passo em direção ao desenvolvimento das técnicas de ordenação alfabética. Mais tarde nesta era, pode-se encontrar, particularmente entre autores gregos, um interesse em versos de natureza acróstica<sup>13</sup> para apresentar certos aspectos do pensamento cristão por meio da forma mnemônica. Estes, chamados *Erbauliche Alphabete*,<sup>14</sup> são muito citados na história da literatura Bizantina de Karl Krumbacher. (8)

A literatura religiosa não era única no emprego do alfabeto para fins mnemônicos. O autor do século II, *Sextus Pythagoreus*, organizou as chamadas *sentenças pitagóricas*<sup>15</sup> em ordem alfabética - um grupo de 123 máximas que refletem os pensamentos da escola pitagórica. O primeiro e o segundo séculos dessa época também tiveram muitas compilações gráficas lexicais em ordem alfabética - glossários de termos em vários campos. (9)

Também intimamente associado aos esforços para obter rapidamente informações pertinentes dos documentos está o emprego de símbolos em crítica textual e hermenêutica. Aristófanos de Bizâncio<sup>16</sup> e Aristarco<sup>17</sup>, estudiosos da escola helenística de Alexandria, são provavelmente os mais destacados na invenção de símbolos críticos, mas um homem como Cassiodoro, apesar do sexto século desta era, não deve ser ignorado; pois ele criou um elaborado sistema de símbolos usado nos comentários bíblicos, para

---

<sup>13</sup> **Acróstico** é um substantivo masculino, que descreve uma composição literária normalmente poética cujas letras iniciais, do meio ou do fim formam nomes ou palavras em concreto. Esta palavra tem origem no grego *akrostichís*, sendo que *akro* significa "extremo" e *stikhis*, que significa linha ou verso. No **acróstico**, a palavra formada pelas primeiras letras é lida na vertical. Muitas vezes a palavra formada verticalmente é um nome próprio ou pode também ser um aforismo, ou seja, uma máxima ou regra.

<sup>14</sup> Alfabetos edificantes / Alfabetos construtores

<sup>15</sup> **Sentenças de Sexto** é um texto helenístico pitagórico que era muito popular entre os cristãos. Embora conhecido de outras cópias, uma tradução copta parcial aparece num dos códices do texto apócrifo descoberto na Biblioteca de Nag Hammadi. Um possível autor das "Sentenças" é *Quintus Sextius*, um filósofo romano que combinou estoicismo com pitagorismo e que viveu no século I a.C. Quando Rufino de Aquileia traduziu as "Sentenças" para o latim (c. 400 d.C.), o trabalho já tinha sido atribuído ao papa Sisto II, uma das figuras mais veneradas da época. É improvável que ele tenha sido o autor do texto, em parte por ele não ter sido pitagórico.

<sup>16</sup> **Aristófanos de Bizâncio** (em grego: Ἀριστοφάνης; c. 257 a.C. – c. 185–180 a.C.) foi um lexicógrafo, gramático, humanista, filólogo e crítico grego, particularmente célebre pelos seus trabalhos sobre Homero onde sempre mostrou grande erudição, mas também pelos seus manuscritos sobre outros autores clássicos como Anacreonte, Píndaro, Hesíodo e Platão. Nascido em Bizâncio por volta do ano 257 a.C., logo se mudou para Alexandria onde foi aluno de Zenódoto de Éfeso e de Calímaco. Foi sucessor de Eratosthenes como diretor da Biblioteca de Alexandria quando tinha sessenta e dois anos.

<sup>17</sup> **Aristarco de Samos** (em grego: Ἀρίσταρχος ο Σάμιος; 310 a.C. — 230 a.C.) foi um astrônomo e matemático grego, sendo o primeiro estudioso a propor que a Terra gira em torno do Sol (sistema heliocêntrico) e que a Terra possui movimento de rotação.

que estudantes pudessem encontrar rapidamente o tipo de informação de que precisavam em uma passagem específica. (10) No entanto, embora tenhamos nos tempos greco-romanos o uso de ordem alfabética e o emprego da *capitulatio* ou colocação de resumos no início de certas obras de não ficção, não temos - tanto quanto fui capaz de verificar - algo como um índice alfabético de uma obra antes da Idade Média. Mas agora vamos dar uma olhada nos resumos dos tempos clássicos.

Os estudantes do Mouseion de Alexandria<sup>18</sup> perceberam o problema que é um livro grande, de tamanho volumoso, não apenas para a biblioteca, mas também para o leitor. Calímaco pode ter tido pouca inspiração épica quando escreveu que "um grande livro é equivalente a um grande incômodo", (11) mas isso, na sua época, era aplicado praticamente a qualquer grande obra que ocupasse vários rolos de papiros; inclusive ao seu próprio trabalho, *Pinakes*<sup>19</sup>, que ocupava 120 rolos.(12) Portanto, desde os tempos de Alexandria, muitas obras, particularmente histórias e outras não-ficção, foram resumidas em epítomes; e frequentemente nossas únicas fontes são estes epítomes<sup>20</sup>. Neste sentido, os críticos de Alexandria também decidiram que as edições das peças dos grandes dramaturgos seriam mais úteis se precedidas de resumos de suas tramas. Estes eram chamados de HIPOTHESEIS em grego e aparecem no início de cada peça (às vezes em verso) junto com uma lista das personagens. A seguir, o resumo (hypothesis) encontrado no início de Agamenon de Ésquilo<sup>21</sup>, em tradução minha:

Agamenon, ao partir para Tróia, prometeu a Clitemnestra que, se saqueasse Tróia, ele a avisaria, no mesmo dia, através de um sinal luminoso. Por isso, Clitemnestra contrata um observador que a informa assim que vê o sinal. Ela, então, convoca a assembléia dos anciãos - que formam um coro para consultá-los a respeito do sinal. Ao saberem do fato, uma parte deles entoia uma canção de triunfo. Logo depois, Taltíbios (o arauto) aparece e descreve em detalhes os eventos da viagem. Em seguida, Agamenon vem em uma carruagem seguida por uma outra, na qual está Cassandra, seu espólio. No momento em que ele entra no palácio com Clitemnestra, Cassandra, antes de entrar, faz profecias sobre sua própria morte, a de Agamenon e sobre o

---

<sup>18</sup> O **Mouseion de Alexandria** (em grego antigo: Μουσείον τῆς Ἀλεξανδρείας – trad.: “templo das Musas; instituição das Musas”; em latim: Musaeum Alexandriae) foi uma instituição religiosa e científica que existiu na cidade de Alexandria. Provavelmente fundada por Ptolomeu I Sóter, no séc. III a.C., ela foi controlada sucessivamente pelo Reino Ptolomaico do Antigo Egito, a República Romana e o Império Romano. O Mouseion compreendia a famosa Biblioteca de Alexandria, e reunia alguns dos mais importantes e conhecidos estudiosos do mundo helenístico, incluindo músicos, poetas, filósofos, gramáticos, historiadores, médicos e astrônomos. Nele, acadêmicos estudavam, pesquisavam e ensinavam. Por seu papel cultural, e por abrigar um templo dedicado às Musas, que seus acadêmicos visitavam em busca de inspiração e tranquilidade, o Mouseion de Alexandria serviu como fonte para o uso moderno da palavra museu.

<sup>19</sup> **Pinakes** (grego antigo : Πίνακες "tábuas", plural de πίναξ ) é um trabalho bibliográfico perdido composto por Calímaco (310 / 305-240 aC) e é popularmente considerado o primeiro catálogo de biblioteca; seu conteúdo foi baseado nas propriedades da Biblioteca de Alexandria durante o período em que Calímaco esteve lá durante o terceiro século a.C.

<sup>20</sup> **Epítome** (/ ɛˈpɪtəmiː/; do grego ἐπιτομή de ἐπιτέμνειν epitēmnēin "cortar curto") é uma forma literária sumária ou em miniatura; uma instância que representa uma realidade maior. É uma forma de consubstanciação de uma obra. É sinônimo de compêndio, resumo e sinopse.

<sup>21</sup> **Ésquilo** (em grego: Αἰσχύλος, transl. *Aiskhýlos*; Elêusis, c. 525/524 a.C. - Gela, 456/455 a.C.) foi um dramaturgo da Grécia Antiga. É reconhecido frequentemente como o pai da tragédia, e é o mais antigo dos três dramaturgos trágicos gregos cujas peças ainda existem (os outros são Sófocles e Eurípedes). Apenas sete de suas tragédias sobreviveram intactas até os dias de hoje: *Os Persas*, *Sete contra Tebas*, *As Suplicantes*, a trilogia conhecida como *A Oresteia*, que consiste das três tragédias *Agamenon*, *As Coéforas* e *As Eumênides*, além de *Prometeu Acorrentado*, cuja autoria é questionável.

matricídio de Orestes; a seguir, adentra precipitadamente e, como alguém pronto para morrer, deixa cair as suas insígnias. Esta parte da peça é admirável, porque provoca temor e compaixão. Como é peculiar em Ésquilo, a morte de Agamenon dá-se nos bastidores; nada é dito sobre a morte de Cassandra, até que seu cadáver seja exposto. Egisto e Clitemnestra revelam, cada qual, suas próprias razões para o assassinato: o dela, é o sacrifício de Ifigênia; o dele, os infortúnios causados por Atreu a seu pai. A peça foi encenada durante o governo de Filaco, no segundo ano da octagésima Olimpíada (459/8 A.C.). Ésquilo ganhou o primeiro prêmio com *Agamenon*, *Libation bearers*, *Eumenides* e sua peça satírica *Proteu*. Xenocles Afidnaios dirigiu o Coro. (13)

Nota-se imediatamente que o resumo, por mais conciso que seja, contém um pouco de crítica literária no final e inclui dados históricos baseados nas *Didascaliae* de Aristóteles<sup>22</sup>. Mais tarde, na época romana, as comédias dos dramaturgos Plautus<sup>23</sup> e Terêncio<sup>24</sup> foram providas com esses resumos, que foram todos compostos em verso. (14) O uso do resumo, no entanto, não se limitou apenas à literatura na antiguidade, como fica evidente pelo hábito de resumir documentos de vendas, confiscos e contratos em Tebtunis no terceiro século a.C. (15)

Posteriormente, na Idade Média, pode-se encontrar em manuscritos de obras acadêmicas, como histórias, resumos marginais do conteúdo de uma página, um costume que foi transposto para os tempos modernos. (16) Os resumos marginais podem também ser observados em alguns dos manuscritos do código Justiniano<sup>25</sup> dos séculos IX e X. (17)

---

<sup>22</sup> **Aristóteles** (em grego clássico: Ἀριστοτέλης; transl.: *Aristotélēs*; Estagira, 384 a.C. — Atenas, 322 a.C.) foi um filósofo grego, aluno de Platão e professor de Alexandre, o Grande. Seus escritos abrangem diversos assuntos, como a física, a metafísica, as leis da poesia e do drama, a música, a lógica, a retórica, o governo, a ética, a biologia, a linguística, a economia e a zoologia. Juntamente com Platão e Sócrates (professor de Platão), Aristóteles é visto como um dos fundadores da filosofia ocidental. Em 343 a.C. torna-se tutor de Alexandre da Macedônia, na época com treze anos de idade, que será o mais célebre conquistador do mundo antigo.

<sup>23</sup> **Tito Mácio Plauto** (em latim *Titus Maccius Plautus*; Sarsina, cerca de 230 a.C. - 180 a.C.) foi um dramaturgo romano, que viveu durante o período republicano. As 21 peças suas que se preservaram até os dias atuais datam do período entre os anos de 205 a.C. e 184 a.C.. Suas comédias estão entre as obras mais antigas em latim preservadas integralmente até os dias de hoje, são quase todas adaptações de modelos gregos para o público romano, tal como ocorria na mitologia e na arquitetura romanas.

<sup>24</sup> **Públio Terêncio Afro**, em latim *Publius Terentius Afer* (Cartago, ca. 195 a.C.-185 a.C. - Lago Estínfalo, ca. 159 a.C.), foi um dramaturgo e poeta romano, autor de pelo menos seis comédias: *Andria* (A moça de Andros), *Hecyra* (A Sogra), *Heautontimorumenos* (O Punidor de Si Mesmo), *Eunuchus* (O Eunuco), *Phormio* (Formião) e *Adelphoe* (Os Dois Irmãos).

<sup>25</sup> **Flávio Pedro Sabácio Justiniano Augusto** (em latim: *Flavius Petrus Sabbatius Iustinianus Augustus*; em grego medieval: Φλάβιος Πέτρος Σαββάτιος Ιουστινιανός; transl.: *Flávios Pétrōs Sabbátios Ioustinianós*; Taurésio, c. 482 — Constantinopla, 14 de novembro de 565), também conhecido como **Justiniano, o Grande** e **São Justiniano, o Grande** na Igreja Ortodoxa, foi imperador bizantino de 527 a 565. Em seu reinado, procurou reviver a grandeza do Estado (*renovatio imperii*) e reconquistar o Império Romano Ocidental perdido para os bárbaros. A recompilação e reorganização das leis romanas tornou-se um dos marcos mais notáveis de sua administração, confiado a um colégio de dez juristas dirigido por Triboniano, cujos trabalhos duraram dez anos. Essa obra ficou conhecida como *corpus juris civilis*, composta de quatro partes: 1) **Código de Justiniano (Codex)**: Reunião de todas as constituições imperiais editadas desde o governo do imperador Adriano (117 a 138); 2) **Digesto** ou **Pandectas**: Continha os comentários dos grandes juristas romanos; 3) **Institutas**: Manual para ser estudado pelos que se dedicavam ao Direito; 4) **Novelas** ou **Autênticas**: Constituições elaboradas depois de 534;

Outro dispositivo que pode ser associado às origens da indexação é o trabalho realizado no texto das Escrituras por Eusébio de Cesaréia<sup>26</sup>, dividindo os Evangelhos em seções, numerando-as e organizando material relacionado com dez *Canones evangeliorum*. (18) Isso também não é indexação propriamente dita, pois fornece consultas relativamente rápidas de informações escondidas ao longo do texto.

Mas é com a adoção geral da forma *codex* do livro que a idéia de um índice alfabético se efetiva. Obviamente, o rolo de papiro - e tampouco o rolo de microfilme - não se presta a pronta referência.

A primeira abordagem a um índice de assuntos alfabéticos que consegui encontrar aparece em uma obra anônima do século V desta era, o *Apothegmata*<sup>27</sup>, uma lista dos dizeres de vários padres gregos sobre tópicos teológicos. Embora originalmente composto em outra ordem, foi organizado em ordem alfabética no século VI. (19) É claro que, nesta era dos manuscritos, devemos lembrar que citações exatas são uma raridade. Alguns autores dividiram seus trabalhos em capítulos e seções numeradas, o que é muito útil para citações; por exemplo, Cassiodoro em suas *Institutiones* pode fazer referência cruzada no seu trabalho, referindo-se não apenas ao número do capítulo, mas também a *titulus* do capítulo. (20) No entanto, a 'consciência do livro' de Cassiodoro é praticamente um fenômeno único para a antiguidade.

Dois séculos depois, encontramos o que equivale a um índice de assuntos alfabéticos para os grandes padres da igreja e a Bíblia em *Sacra Parallela*<sup>28</sup> de São João

---

<sup>26</sup> **Eusébio de Cesareia** (ca. 265 — Cesareia Marítima, 30 de maio de 339) (chamado também de *Eusebius Pamphili*, "Eusébio amigo de Pânfilo") foi bispo de Cesareia e é referido como o pai da história da Igreja porque nos seus escritos estão os primeiros relatos quanto à história do cristianismo primitivo. O seu nome está ligado a uma crença curiosa sobre uma suposta correspondência entre o rei de Edessa, Abgar e Jesus Cristo. Eusébio teria encontrado as cartas e, inclusive, as copiadas para a sua *História Eclesiástica*.

<sup>27</sup> O ***Apothegmata Patrum*** (lit. **Provérbios dos Padres**) (Latim : *Apothegmata Patrum Aegyptiorum* Grego: ἀποφθέγματα τῶν ἁγίων γερόντων, ἀποφθέγματα τῶν ποτέννας os *Padres do Deserto*), consiste em histórias e ditos atribuídos aos Padres do Deserto aproximadamente do século V d.C. As coleções consistem em histórias de sabedoria que descrevem as práticas e experiências espirituais dos primeiros eremitas cristãos que viveram no deserto do Egito. Eles geralmente estão na forma de uma conversa entre um monge mais jovem e seu pai espiritual, ou como conselhos dados aos visitantes. Começando como uma tradição oral, eles só foram escritos mais tarde como texto grego. As histórias eram extremamente populares entre os primeiros monges cristãos e apareciam em várias formas e coleções. Os ditos originais foram passados de monge para monge, embora em sua versão atual descrevem as histórias na forma de "Abba X disse ..." Muitos Padres do deserto notáveis são mencionados nas coleções, incluindo Antônio, o Grande, Abba Arsenius, Abba Poemen, Abba Macarius do Egito e Abba Moses, o Preto. Os ditos também incluem os de três *ammās* diferentes, ou Madres do Deserto, principalmente a Sinclética de Alexandria. Os *Ditos dos Padres do Deserto* influenciaram muitos teólogos notáveis, incluindo São Jerônimo e Santo Agostinho.

<sup>28</sup> O ***Sacra Parallela*** foi compilado no século VIII, provavelmente na Palestina. Geralmente é atribuído a João de Damasco, mas isso é questionável. Foi publicado pela primeira vez em 1577, baseado em um manuscrito do século XV (*codex Vat. Gr. 1236*). Em seu estado original, existia como três livros separados que discutiam o trato com Deus, com o homem e com as virtudes e os vícios, respectivamente. No entanto, o códice original está atualmente perdido. A pesquisa sobre esta obra é baseada em recensões posteriores que foram feitas quando os três livros originais se tornaram um. Há três recensões conhecidas: O Vaticano, o Rupefucaldiano e o Parisinus Graecus 923.

Damasceno<sup>29</sup> (21). Em sua introdução, ele chama atenção para seus resumos ou índices que aparecem no início do texto:

Além disso, a facilidade em encontrar o que se busca, uma lista de títulos *pinax ton kephalaion* ou sumários (*titloi*) em ordem alfabética foi compilada; e cada assunto procurado será encontrado por meio de sua letra inicial. (Col. 1041.)

Então, seguem-se em ordem alfabética os enunciados teológicos organizados por palavras-chave, com passagens da Bíblia e dos sacerdotes gregos que as ilustram. Alguns exemplos dos assuntos do sumário são os seguintes:

Letra A (Col. 1045)

A Divindade eterna PERI **Aidou** THEOTETOS, etc.

A inevitabilidade de Deus PERI TOU **Apheukton** EINAI THEON.

A incompreensibilidade de Deus PERI TOU **Akatalepton** EINAI TON THEON.

Letra B (Col. 1050)

O reino dos céus PERI **Basileias** OURANON.

O conselho de Deus PERI **Boules** THEOU.

A ajuda de Deus PERI **Boetheias** THEOU.

Além dessa obra do século VIII, não consegui encontrar outros índices dessa natureza antes do século XIV. L. W. Daly expande para os Arquivos do Vaticano: 'As evidências indicam que a indexação alfabética não foi introduzida na manutenção de registros papais como representada nos Arquivos do Vaticano até o século XIV'. (22)

Antes de pular para o século XIV, no entanto, deve-se mencionar o famoso códice do início do século VI da *Materia medica* de Dioscórides Pedanius<sup>30</sup>. Embora o autor pareça não ter sido muito sistemático na composição de seu tratado, os responsáveis pelo manuscrito de Viena (23) decidiram organizar o trabalho em ordem alfabética. Como o tratado estuda várias ervas e outros materiais médicos, cada um com seu próprio parágrafo numerado, a organização alfabética, como um dicionário, não requer índice. O códice de Viena tem um capítulo ou lista do material na frente e, é claro, isso naturalmente está em ordem alfabética. No entanto, pode-se acrescentar que esse excelente códice, também chamado de *Codex Julia Anicia*<sup>31</sup>, é mais famoso pela sua rica

<sup>29</sup> **João Damasceno** ou **João de Damasco** (em grego: Ἰωάννης ὁ Δαμασκηνός; transl.: *Iōannēs ho Damaskēnos*; em latim: *Iohannes Damascenus*; 675 - 4 de dezembro de 749), dito Crisóroas (*Chrysorrhōas*; "boca de ouro"), foi um monge e sacerdote sírio. Nascido e criado em Damasco, morreu em seu mosteiro, Mar Saba, perto de Jerusalém. Um polímata cujos interesses incluíam direito, teologia e música, algumas fontes afirmam que serviu como administrador-chefe do califa de Damasco antes de sua ordenação. Escreveu obras explicando a fé cristã e compôs hinos que ainda são utilizados na liturgia no cristianismo oriental por todo o mundo. João é considerado "o último dos Padres da Igreja" pela Igreja Ortodoxa e é mais conhecido por sua contundente defesa da veneração de ícones. A Igreja Católica o considera um Doutor da Igreja, geralmente chamado de "Doutor da Assunção" por causa de suas obras sobre a Assunção de Maria.

<sup>30</sup> **Pedânio Dioscórides** (fl. 50-70) foi um autor greco-romano, considerado o fundador da farmacognosia através da sua obra *De materia medica*, a principal fonte de informação sobre drogas medicinais desde o século I até ao século XVIII.

<sup>31</sup> O **Dioscórides de Viena** é um manuscrito iluminado do começo do século VI do *Materia medica* de Dioscórides em grego. O manuscrito foi criado ca. 515 e foi feito pela princesa bizantina **Anícia Juliana**, a filha do imperador Olíbrio (r. 472). Embora tenha sido originalmente criado como uma cópia luxuosa, há alguns indícios que em séculos posteriores foi usado diariamente como um livro hospitalar. Inclui anotações

iluminação (ilustração) do que pela introdução da abordagem alfabética das ervas medicinais.

Com o surgimento das universidades no final do século XII e nos séculos seguintes e a retomada do interesse em teologia, filosofia e direito, e particularmente a paixão que parecia prevalecer pelo debate escolástico, não é surpreendente ver o início da indexação alfabética, como nós a conhecemos. O debate exigia pronta referência às autoridades (Aristóteles, Tomás de Aquino, Pedro Lombardo e outros).

Os índices que consegui examinar a partir do século XIV são extremamente simples em sua composição, mas não são particularmente fáceis de ler. Pois esse foi o período em que a (manu)escrita gótica prevaleceu em toda a Europa Ocidental e, quando essa mão é dada a alguma pressa, às vezes se torna quase ilegível para um leitor menos experiente. Os textos desses manuscritos geralmente são feitos com algum cuidado, mas os índices parecem mostrar todas as características da pressa e impaciência. Talvez os textos dos manuscritos examinados tenham sido copiados por escribas profissionais, enquanto os índices foram compilados e escritos por seus leitores.

Os textos que encontrei dos manuscritos do século XIV em fac-símile até agora foram todos teológico filosóficos ou o da *Materia medica* de Dioscórides. Em meu artigo, *Early Indexing Techniques*, dois desses trabalhos foram examinados com mais detalhes: um comentário de Egídio Colonna<sup>32</sup> sobre o primeiro Livro das Sentenças de Pedro Lombardo<sup>33</sup>, e dois manuscritos Vaticanos de Dioscórides. Como o trabalho de Colonna é escrito da maneira escolástica usual, ele consiste em várias teses (declarações a serem provadas) com explicações de termos e argumentos silogísticos. Estes são todos numerados tais como *distinctiones* e *quaestiones*; assim, o índice que lista essas proposições por palavras-chave torna a citação bastante simples, por exemplo 'd: 24. q.3' significa *distinctio* no. 24, *quaestio* no. 3. Parece não haver esforço para extrair mais de uma palavra-chave de cada proposição; por exemplo a declaração *Actio et passio sunt una res et duo predicamentae* obtém uma entrada sob a *actio*, mas não sob a *passio*, etc.

---

em árabe. Os 491 fólhos de papel velino medem 37 por 30 cm e contém mais de 400 imagens de animais e plantas. Além do texto de Dioscórides, ao manuscrito foi anexado o *Carmen de herbis* atribuído a Rufo, uma paráfrase de um tratado ornitológico de Dionísio da Filadélfia, e uma paráfrase sobre o tratamento de Nicandro de picadas de cobra.

<sup>32</sup> **Egídio Romano**, também conhecido como **Gil de Roma**, **Egídio de Roma** ou **Egídio Colonna** (em latim: **Ægidius Romanus** (1243-1316)), foi um escritor, filósofo e teólogo eremita agostiniano, considerado como o fundador da primitiva escola agostiniana. Foi arcebispo de Bourges. Egídio Romano, aluno de Tomás de Aquino, foi o primeiro agostiniano a entrar no claustro da Universidade de Paris. Participou ativamente na política eclesiástica de seu tempo.

<sup>33</sup> **Pedro Lombardo** (aportuguesamento de **Petrus Lombardus**) foi um filósofo escolástico do século XII nascido por volta de 1100 em Lumellogno, perto de Novara, no norte da Itália, e falecido em 20 de Julho de 1160, ainda que haja algumas dúvidas sobre o ano exato do seu falecimento. Pedro Lombardo escreveu comentários sobre os *Salmos* e sobre as cartas de São Paulo, mas sua obra mais célebre é o *Libri quatuor sententiarum*, os *Quatro Livros das Sentenças*, derivados dos textos de suas aulas na escola catedralícia. As *Sentenças* são uma cuidadosa compilação de textos bíblicos e frases (sentenças) de Padres da Igreja e outros pensadores medievais que juntos compõem uma detalhada exposição da teologia cristã da época. Para a redação da sua obra, Pedro utilizou tanto os escritos da escola como a *Summa Sententiarum* de Otão de Lucca e a obra de pensadores como Ivo de Chartres, Graciano, Hugo de São Vitor e Pedro Abelardo. A importância das *Sentenças* na filosofia escolástica medieval é evidenciada pelo fato de que, nos séculos seguintes, a obra foi comentada por pensadores como Alberto Magno, Boaventura, Tomás de Aquino e Duns Escoto.

Embora essa indexação superficial seja facilmente criticada agora, deve-se admitir que ela representa um grande passo para a mera lista de *theses* no início de uma obra, como normalmente é encontrado nos manuscritos deste século, bem como em incunábulo<sup>34</sup> do século seguinte. Os manuscritos de Dioscórides oferecem um tratamento simples a seus índices, para que *materiae* numerada seja facilmente citada no índice. Mas nada além do item principal é mencionado no índice. O exemplo de 'tinta' (melan) é usado no artigo (supra); tinta é descrito na seção 825 da obra e, portanto, a entrada do índice é meramente 'OKE. melan' ou '825. tinta'.

Embora a lista alfabética de títulos de capítulos e *theses* represente algum progresso na recuperação de informações, parece, mesmo a partir de uma pesquisa de livros impressos no século seguinte, que nosso atual conceito de indexação ainda está um pouco distante. Ao observar o maior número possível de incunábulo, seja em primeira mão, seja através de fac-símiles ou descrições de catálogos, fui forçado a concluir que a indexação ainda não era uma prática muito comum, mesmo após a multiplicação mecânica de textos por meio da imprensa ter feito a noção de um índice muito mais viável e prático. O artigo supracitado apresenta uma análise da *Crônica de Nuremberg*<sup>35</sup> (1493) de Hartmann Schedel impressa por Koberger. (24) Resumidamente, verificou-se que a maioria das entradas do índice (o índice está na frente) foram extraídas literalmente do texto e às vezes não foram inseridas sob o que pareceria ser a palavra-chave apropriada; por exemplo, a declaração sobre a invenção da imprensa na Alemanha é registrada sob *Ars imprimendi libros*, sem entradas do tipo *imprimere*, *impressio*, *Germania* ou *liber*. Deve-se acrescentar que Koberger incluiu sua numeração usual de folhas, mas as citações do índice fornecem apenas o número da folha sem a designação de reto ou verso. A organização alfabética, como é de se esperar, é difícil e normalmente não passa da primeira sílaba.

Os séculos XVI e posteriores estão fora do nosso escopo, mas pode-se mencionar que encontrei grandes aprimoramentos nos índices de livros do século XVI. Mas, com o surgimento da primeira literatura científica e acadêmica do século XVII, a indexação nessa área ainda deixa muito a desejar. Um breve exemplo pode ser visto no índice do *Acta eruditorum*<sup>36</sup> (Leipzig): no volume de 1682, o *Index auctorum ac rerum* (índice de autores e assuntos) divide os assuntos em seis categorias gerais e, sob cada grupo, há um lista alfabética dos autores com os títulos de seus artigos. Mas quantas vezes, nos

---

<sup>34</sup> **Incunábulo** é um livro impresso nos primeiros tempos da imprensa com tipos móveis. A popularização da imprensa começa a ser mais percebida em 1450, com Gutenberg. Refere-se às obras impressas entre 1455, data aproximada da publicação da Bíblia de Gutenberg, até 1500. Essas obras imitavam os manuscritos. Assim, demorou-se 50 anos para que o livro impresso passasse a ter suas próprias características, abandonando, paulatinamente, as características do livro manuscrito.

<sup>35</sup> A **Crônica de Nuremberg** é um famoso incunábulo publicado pela primeira vez em latim, em 12 de julho de 1493, com edições traduzidas para o alemão a partir de 23 de dezembro deste mesmo ano. Trata-se do maior livro ilustrado de sua época, com cerca de 1600 xilogravuras. Seu autor é Hartmann Schedel, um dos pioneiros da cartografia impressa. Georg Alt (ou *Georgium Alten* em latim) traduziu a *Crônica* para o alemão. Albrecht Dürer trabalhou na condição de aprendiz durante a feitura das ilustrações. A obra aborda a história do mundo, dividindo-a em sete momentos. Restam 1250 exemplares da *Crônica*, sendo esta certamente um dos livros mais difundidos de seu tempo.

<sup>36</sup> **Acta Eruditorum** foi uma revista científica mensal alemã publicada entre 1682 e 1782, fundada em Leipzig por Otto Mencke, que foi o primeiro editor e por Gottfried Wilhelm Leibniz. Criada como uma imitação do *Journal des savants*, a revista foi a primeira revista de caráter científico da história alemã.

índices de revistas periódicas do século XX, não encontramos um tratamento semelhante ou até mesmo pior?

Referências:

- (1) (London 1902) p. 6.
- (2) M. Tulli Ciceronis *Epistolae*, ed. W. S. Watt, v. 2, pt. 1 (Oxford Classical Texts; Oxford 1965) p. 126.
- (3) G. Contenau, *Everyday life in Babylon and Assyria* (New York 1966) p. 177.
- (4) Cassiodori Senatoris *Institutiones*. Edited from the Manuscripts by R. A. B. Mynors (Oxford, repr. 1961) p. 18 (1.2.13), p. 27 (1.6.5).
- (5) D. Diringer, *The alphabet, a key to the history of mankind* (3rd ed., London 1968) v. 1, pp. 169-70.
- (6) *Tax lists and transportation receipts from Theadelphia*, edited by W. L. Westermann and C. W. Keyes (Columbia Papyri: Greek series, no. 2; New York 1932), 'Papyrus Columbia 1 recto, 1 a-b', pp. 3-36, and 'Papyrus Columbia 1 recto 2', pp. 37-78.
- (7) *Op. cit.*, p. 92: em seu epílogo, ele observa: 'Finalmente, existe uma curiosa ironia no fato de que, em meados do século XX, apareceu em Alexandria, como se fosse a organização alfabética, um livro, do século III a.C., que retrocede à simples ordem alfabética da primeira letra. Este é o *Catálogo da biblioteca patriarcal de Alexandria*. Em parte desta lista mostra-se a seguinte ordem: 'Ioannes, Ierotheos, Isidores, Ignatios, Ieronymos'.
- (8) *Geschichte der byzantinischen Literatur* (2nd ed., Munich 1897) pp. 717-720.
- (9) E.g. LEXEIS RHETORICAL 'rhetorical terms' in no. 1804 of the *Oxyrhynchus papyri*.
- (10) As passagens pertinentes foram citadas e discutidas em *Writing and the book in Cassiodorus* (Ann Arbor, Mich. 1967) pp 4649.
- (11) *Callimachus*, ed. R. Pfeiffer (Oxford 1949-53) v. I, frag. 465.
- (12) F. J. Witty, 'The Pinakes of Callimachus', *Library quarterly* 28 (1958) pp. 132-36.
- (13) Aeschylus. *Septem qua supersunt tragoediae* recensuit Gilbertus Murray (Oxford Classical Texts; 2nd ed., Oxford 1957) p. 205.
- (14) *Oxford classical dictionary*, edited by N. G. L. Hammond and H. H. Scullard (2nd ed., Oxford 1970) : 'Hypothesis " pp. 535-36 and 'Epitome' p. 402.
- (15) *The Tebtunis papyri*, edited by B. P. Grenfell and A. S. Hunt (London 1902-38) v. 3, pt 1, nos. 814-15.
- (16) O uso de resumos marginais como base para as entradas do índice é visto em G. Budé, *De asse et partibus eius* (Paris 1541), um índice estudado no artigo Early indexing techniques: A study of several book indexes of the 14th, 15th, and early 16th centuries. *Library Quarterly* 35 (3): 141-148; cf. 147-8.
- (17) E. Chatelain, *Paléographie des classiques latins* (Paris 1884-1900) plates 184, 186.
- (18) D. S. Wallace-Hadrill, *Eusebius of Casarea* (London 1960) p. 70.
- (19) L. W. Daly, *Op. cit.*, p. 64; other pagan *apothegmata* are mentioned on p. 62.
- (20) *Op. cit.*, p. 47 (1.15.10).
- (21) *Patrologia graeca* (Migne) 95. 1039-1588, 96. 9-442; also L.W Daly, *Op. cit.*, pp. 63-4.
- (22) 'Early Alphabetic Indices in the Vatican Archives', *Traditio* 24 (1963) p. 486.
- (23) *Ms Vindobonensis suppl. graec.* 28.
- (24) Hain 14508.